26º ENANCIB
Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação
A Amazônia na sociedade global em rede: assimetrias e potencialidades informacionais, tecnológicas e ambientais
Belém, Pará, 09 a 13 de novembro de 2026
Universidade Federal do Pará

ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
ISSN 2177-3688

GT 10 – Informação e Memória

***ÍLẸ̀KẸ̀S*: INFOMEMÓRIA E IDENTIDADE NO CANDOMBLÉ**

ÍLẸ̀KẸ̀S: *INFOMEMORY AND IDENTITY IN CANDOMBLÉ*

Dulce Edite Soares Loss – Universidade Federal da Paraíba /(UFPB)
Carlos Xavier de Azevedo Netto – Universidade Federal da Paraíba /(UFPB)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: Os ílẹ̀kẹ̀s, também denominados colares sagrados ou fios de contas utilizados no Candomblé, são artefatos sagrados cuja representatividade aponta, de maneira simbólica, informações oriundas da memória, infomemórias, sobre uma vivência dos sujeitos nessa tradição religiosa originária da África. O presente estudo tem como objetivo analisar os ílẹ̀kẹ̀s/colares sagrados/fios de contas, no Candomblé, como artefatos infomemoriais, explicitando uma síntese identitária dos praticantes dessa religiosidade. A memória, enquanto mecanismo de preservação e perpetuação do conhecimento tradicional ancestral nesta religiosidade, permite, por meio de fundamentos mágico-religiosos, analisar as informações e suas lógicas de significação no uso litúrgico e social desses artefatos. Com uma abordagem qualitativa exploratória, na produção de dados, uma pesquisa bibliográfica foi realizada, seguida de entrevistas com quatro membros do Candomblé de raiz Angola e Ketu. Os resultados apresentados apontam que os ílẹ̀kẹ̀s, enquanto símbolos são portadores de múltiplas informações e significados, vinculados a um espaço e contexto social, revelando uma identidade religiosa. Conclui-se que os ílẹ̀kẹ̀s são os únicos símbolos sagrados que acompanham os sujeitos sociais desde a sua inserção no Candomblé até a sua morte, marcando a dinâmica de ligação entre o humano e o divino, entre a vida e a morte.
Palavras-chave: Candomblé; fios de contas; infomemória; identidade.

Abstract: The ílẹ̀kẹ̀s used in Candomblé, also known sacred necklaces or strings of beads, are sacred artifacts whose representation symbolically points out information about the experience of the subjects of this religious tradition originating in Africa. The present study aims to analyze the ílẹ̀kẹ̀s, sacred necklaces, strings of beads, in Candomblé, as infomemorial

artifacts that use mnemotechnics, explaining an identity synthesis of the practitioners of this religiosity. Memory as a mechanism for preserving and perpetuating traditional ancestral knowledge in this religiosity allows, through magical-religious foundations, to analyze information and its logic of meaning in the liturgical and social use of these artifacts. With an exploratory qualitative approach, in the production of data, a bibliographical research was carried out, followed by interviews with four member from Candomblé with roots in Angola, Ketu. The results presented indicate that the ílèkès, as symbols, carry multiple information and meanings, linked to a space and social context, revealing a religious identity. It is concluded that the ílèkès strands of beads are the only sacred symbols that accompany social subjects from their insertion into Candomblé until their death, marking the dynamic connection between the human and the divine, between life and death.
Keywords: Candomblé; strings of beads; infomemory; identity.

1 INTRODUÇÃO

No Candomblé - culto à ancestralidade - o simbolismo se impregna nos artefatos sagrados de seus praticantes, apresentando inúmeros significados. Quase tudo que se vê e que, aos olhos de um leigo nesta religiosidade, pode aparentar ser tão somente um adorno, quando inserido num contexto ritualístico, transforma-se em símbolo sagrado, reconhecido e legitimado pelos seus sujeitos sociais.

Assim são os *ílèkès* na religião de matriz africana. Também denominados pelos/as adeptos/as como colares sagrados e fio de contas, estes artefatos sagrados abrangem um processo infomemorial em que tradição e ritos mágico-religiosos, numa relação inconteste, fazem com que eles assegurem a transmissão de informações sobre uma identidade que marca uma filiação à divindade, além de poder e status de pertencimento na hierarquia social religiosa de uma comunidade de *àṣẹ*.

Para Geysa Nascimento e Carlos Xavier de Azevedo Netto (2016), o testemunho da memória, enquanto guardiã do passado, acontece por meio da representação do conhecimento, sendo essa um atributo infomemorial. Ainda segundo os autores, a memória não se limita a uma avaliação crítica do passado mediante uma cronologia, e, sim, estabelece com esse passado a socialização do diálogo, configurando dispositivos materiais e imateriais imbuídos de informação no tempo presente que alimenta a memória, facilitando o processo de acesso e recuperação da informação.

Leila Maria Serafim Pacheco (1995, p. 23), entende artefato como “registro de vários conteúdos, e incorpora diferentes registros. Ele é fruto e formador de contextos”. Neste sentido, ele se torna um documento tradicional. Suzanne Briet (2016) ao defender o documento enquanto signo indicial, amplia sua visão de documentos tradicionais, mas

coloca como pressuposto a capacidade material, bem como seu reconhecimento no âmbito social e cultural, o que, no estudo em tela, os *ílẹ̀kẹ̀s*, são autenticados pela sociedade do santo.

No que se refere a uma identidade, Stuart Hall (2003), destaca que o seu conceito está relacionado com o sentido da representação, ou mesmo com a identificação entre o sujeito e seu contexto social, ou seja, com a relação que ele faz com as representações comuns do mundo, compartilhadas dentro do grupo:

> Na linguagem do senso comum, a identificação se constrói sobre a base do reconhecimento de alguma origem em comum ou umas características compartilhadas com outra pessoa ou grupo ou com um ideal, e com o cercado natural da solidariedade e da lealdade estabelecidas sobre este fundamento (Hall, 2003, p. 15).

Dito isso, os fios de contas produzidos no Candomblé possuem nos espaços dos terreiros um valor sagrado e vão adquirindo informações e novas identificações com o tempo e as "obrigações" pagas que a religião impõe nas suas normas. Seu uso é obrigatório para quem quer se tornar um/a filho/a de santo. No decorrer do texto, usaremos para este artefato sagrado o termo "fio de contas", por ser este o mais usado entre *Bàbálorisás/Ìyálórìsàs* e os/as adeptos/as da religião.

Objetos sagrados híbridos na sua aparência, nos seus rituais de confecção, nos seus materiais constitutivos, na sua mistura de heranças culturais diversas, os fios de contas não podem ser classificados como genuinamente africanos. Eles são oriundos das ideias transculturadas, que foram interpretadas, amalgamadas, modificadas ou transformadas estrategicamente e ressignificadas de acordo com as circunstâncias sócio-histórico-culturais em que ocorreu o tráfico de pessoas escravizadas da África para o Novo Mundo.

Destaca-se que, na África Antiga, os primeiros fios de contas dedicados às divindades eram confeccionados pelos seus nativos com penas de aves, sementes, palhas, caroços de frutas, dentes e chifres de animais, pedras, ferro, bronze, ouro, búzios e corais associados a outros materiais. Por ocasião da chegada dos colonizadores europeus ao continente africano, a partir do século XIV, muitas contas artesanais, as conhecidas miçangas, adentraram o território e foram incorporadas pelos africanos aos símbolos de suas divindades (Pai Paulo de Oxalá, 2014).

A organização do Candomblé no Brasil recebeu a influência europeia das contas artesanais, outrora usadas também pelos africanos. Daí surgiu a expressão usada no Candomblé: "fio de contas".

Os fios de contas revelam múltiplos significados na sociedade do santo. Sua simbologia medeia informações no cotidiano de um terreiro de Candomblé, pois, “como tudo o que, da parte do homem, comporta além de sua significação imediata um segundo sentido, que transfigura a realidade material, garante, assim, uma mediação entre o cotidiano do homem de onde provém este sinal e uma realidade que o ultrapassa” (Meslin, 2014, p. 225).

O que conduz nossos passos nesta pesquisa diz respeito à iniciação no Candomblé, no ano de 1993, da autora Dra. Dulce Edite Soares Loss, com um cargo hierárquico em uma casa de *àṣẹ Ketu* na cidade de João Pessoa – PB, aliada, à linha de investigação que relaciona memória e patrimônio, bem como aos anos de estudos acadêmicos dedicados às religiões de matriz afro-brasileira.

Outra das nossas motivações é a pouca produção científica sobre esses artefatos sagrados, dos quais se destaca apenas um livro publicado por Raul Lody (2001), no qual o autor justifica a fiação de um colar sagrado, configurando histórias de vida na religião, e a tese de Luciano Lima de Souza (2019), “Os Colares Sagrados da Memória: tradição, axé e identidade no candomblé de matriz africana ioruba” na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Assim como os debates em aulas da pós-graduação que envolviam temáticas como memória e identidade, especialmente sobre objetos e artefatos de terreiro.

Nos diálogos trocados que envolveram os artefatos sagrados, fio de contas em salas de aula foi consensual que eles, de forma simbólica, assinalam uma identidade religiosa, um poder, e uma hierarquia dos membros do Candomblé, assim como seu *Òrìṣà,* entre outros significados, que se explicam em partes distintas, e, se complementam e se justificam, como a fiação de um colar sagrado: conta por conta, enfiadas nos fios que engendram um texto, configurando histórias de vida na religiosidade.

Dito isso, levantamos o seguinte questionamento: **como se dá a confecção e sacralização dos fios de contas no âmbito do Candomblé? Quais são os tipos de fios de contas e que informações estes símbolos sagrados repassam?**

Fios de contas é um nome usado tanto para um fio único de miçangas como para um colar com elementos da natureza, composto de vários fios presos por uma ou várias firmas africanas. Destaca-se que a quantidade de fios pode variar de uma nação para outra. A montagem das contas e os ritos na sua confecção, precedidos da entrega do fio de contas aos adeptos/as, caracterizam o elo que os une a seu *Òrìṣà*, tendo o significado de estarem protegidos por elas (Lemos, 2005; Prandi, 2001).

Neste cenário, o presente estudo tem como objetivo geral analisar os *ílẹ̀kẹ̀s*/colares sagrados/fios de contas, no Candomblé, como artefatos infomemoriais, explicitando uma síntese identitária dos praticantes dessa religiosidade. Os objetivos específicos listados foram: a) descrever as cores das contas e os elementos naturais pertencentes aos *Òrìṣàs* cultuados no Candomblé que ligam à filiação mítica do portador; b) identificar o simbolismo presente nos fios de contas que obedece a uma hierarquia constituinte das comunidades de *àṣẹ* e c) mapear os fio de contas como parte indumentária de cargos hierárquicos de Candomblé. Vale destacar que, se o praticante busca somente proteção, o procedimento ritualístico para a confecção do fio será um. Mas, se o praticante se iniciar para o *Òrìṣà*, haverá continuidade de procedimentos rituais.

2 MEMÓRIA, TRADIÇÃO, RITOS E IDENTIDADE BASE ANALÍTICA DOS FIOS DE CONTAS

Dialogar sobre o fenômeno religioso Candomblé e sua relação com os fios de contas consiste em apreender, inicialmente, a dimensão da memória como base analítica para compreender a tradição, os ritos e a identidade que envolve a confecção dos fios sagrados.

Entre os teóricos que se dedicam ao estudo das memórias, Maurice Halbwachs (2004) abrange dois tipos de memória: uma individual e outra coletiva. A primeira estaria associada a fatos acontecidos e às lembranças nos cenários de vida de um indivíduo.

Já a segunda é mais abrangente e envolve as memórias individuais que sustentam as memórias coletivas vivenciadas e compartilhadas por grupos sociais dentro de um determinado tempo e espaço. Nesse contexto, os espaços em um terreiro de Candomblé são infomemórias de saberes ancestrais, entre eles a confecção dos fios de contas e seus significados, por meio de uma memória ancestral coletiva.

Entretanto, somente será possível entender as informações sobre a confecção e os significados dos fios de contas, símbolos sagrados no Candomblé, mediante uma tradição oral que tem na memória a sua interlocução. Tradição no Candomblé ultrapassa o propósito

de transmissão de informações e conhecimento; ela propicia uma inter-relação de valores entre gerações, constituindo um complexo cultural vivo.

> Tradição pode, assim, ser compreendida como o conjunto dos valores dentro dos quais estamos estabelecidos; não se trata apenas das formas do conhecimento ou das opiniões que temos, mas também da totalidade do comportamento humano, que só se deixa elucidar a partir do conjunto de valores constitutivos de uma determinada sociedade (Bornheim, 1997, p. 20).

Para investigar sobre as informações e a confecção ritualística dos fios de contas nos espaços dos terreiros, recorre-se ao pensamento de Anthony Giddens (1991), que destaca a tradição como mecanismo que conecta as diversas temporalidades: passado, presente e futuro, apontando para o caráter de ritualidade que isso exige. Segundo Antônio Silva (2005, p. 1), "a tradição envolve o ritual; este constitui um meio prático de preservação. Nas sociedades que integram a tradição, os rituais são mecanismos de preservar a memória coletiva e as verdades inerentes ao tradicional".

Dito isso, as informações do fenômeno religioso que envolve a confecção de fios de contas no Candomblé apresentam uma realidade mergulhada em uma dimensão sociocultural em que as infomemórias, em conjunto com a tradição e os ritos, são apropriadas pelos praticantes da religiosidade, entrelaçando-se na formação de uma identidade que caracteriza a existência dos sujeitos sociais ligados aos seus grupos de pertença (Frigerio, 2002).

Stuart Hall (2000) usa o conceito de identidade para referir-se ao ponto de convergência, de encontro e de sutura entre discursos e as práticas, por um lado, e os sujeitos sociais e suas particularidades, por outro, ou seja, para o autor "a identidade, então, costura (ou, para usar uma metáfora médica, sutura) o sujeito à estrutura. Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis" (Hall, 2000, p. 12).

A identidade, por meio dos fios de contas, deste modo, é um constructo que garante ao iniciado no Candomblé uma segurança, um norte que dão significado a uma realidade vivida que relaciona o sujeito social a sua divindade e uma posição hierárquica nessa religiosidade. Vale destacar que a inter-relação *Òrìṣà*/fio de contas/memória/tradição /rituais/identidade, não poderá ser pensada sem considerar o ser humano em sua constituição mítica, no contexto sociocultural que o envolve – o Candomblé.

3 TECENDO FIOS METODOLÓGICOS

O presente estudo está ancorado na Ciência da Informação, que nos propicia um rico espaço abrangendo diferentes dimensões da informação, dentre elas o simbolismo e a confecção dos fios de contas em um terreiro de Candomblé. A apropriação do universo cultural dos fios de contas compreende um arcabouço de infomemórias, pois participam de um sistema em que cada objeto tem função, finalidade e representação em relação ao sagrado, porque são produtos de rituais.

A confecção dos fios de contas e seus significados têm um papel importante no sentido de conhecimento comunicado na sociedade do santo, na qual entendemos o saber como sendo construído com fundamento na percepção da estrutura de uma comunidade de *àṣẹ*, ou seja, com base na informação (Wersig; Neveling, 1975) produzida, distribuída e consumida. Nesse contexto, apegamo-nos à Regina Marteleto (1986, p. 51), em que ela afirma que informação é vista como "um fenômeno construído socialmente, através das relações sociais, em seus diferentes níveis e ambientes. Portanto, é um produto das relações sociais, gerada num contexto histórico-social definido".

Dito isso, com uma abordagem qualitativa exploratória, a pesquisa tem como base um conjunto de dados que não devem ser quantificados ou mensurado e sim produzidos, interpretados, compreendidos e contextualizados, com o universo dos significados, das motivações, das aspirações, das intencionalidades, das crenças, dos valores, das ideias e dos ideais (Bufrem; Alves, 2020).

Já o caráter exploratório, de acordo com Antônio Gil (2017), tende a ser mais flexível em seu planejamento, pois pretende observar e compreender os mais variados aspectos relativos ao fenômeno estudado pelo pesquisador.

Os procedimentos metodológicos compreendem uma pesquisa bibliográfica de natureza teórica, seguida de entrevistas com uma *egbom* e três mães/pais de santo do Candomblé de raiz *Angola* e *Ketu*. No levantamento efetuado, os teóricos enfocados foram: informação, Marteletto (1986), Wersig e Nevelling (1973); memória, Halbwachs (2003, 2004); tradição, Bornheim, (1997); fios de contas, Lody (2001); Candomblé, Prandi (2001), dentre outros, que consideram a informação sobre a temática como uma construção socialmente e temporalmente circunstanciada.

Dentre os conceitos utilizados: informação, fios de contas, memória, identidade. Para este artigo, preserva-se a língua *Yorùbá*, onde se vê S lê-se X. As identidades das pessoas entrevistadas são codificadas pelo nome do *Òrìṣà* para o qual foram iniciadas: *Ọya* (egbom); *Ògún* (*Bàbálorisá* nação Ketu); *Òṣàlùfàn* (*Ìyálórìsà* nação Angola) e *Oṣun* (*Ìyálórìsà* nação Ketu).

4 FIOS DE CONTAS, SIMBOLISMO, INFORMAÇÕES

Nosso objeto de estudo, os fios de contas no Candomblé, é emblema social e religioso de uso cotidiano e público, que situa o indivíduo na sociedade do terreiro. Na mitologia africana, o *itan* sobre a invenção do Candomblé revela que, quando a *Òrìṣà Oṣun* é a escolhida por *Ólódùmarè,* o deus maior*,* para preparar os mortais para receber em seus corpos os *Òrìṣàs*, enfeita os seus colos com voltas de fios de contas coloridas e múltiplas fieiras de búzio, cerâmicas e corais (Prandi, 2001).

Em língua *yorùbá,* os fios de contas são denominados *Àkufi isiro* e a conta (firma) que o fecha *Isiro ikasi´*(Pai Paulo de Oxalá, 2014). Para Márcio de Jagun (2017), os fios de contas podem ser definidos da seguinte maneira:

> [...] cordão de miçangas utilizado por adeptos e divindades do candomblé, com as representações das cores relacionadas aos deuses cultuados, servindo também para demonstrar a importância do adepto na hierarquia do candomblé, conforme a beleza do cordão. É chamado também de —fio de contas. O —fio de contas serve como elemento de ligação entre os homens e os deuses (Jagun, 2017, p. 270).

Ainda, sobre os fios de contas Raul Lody (2001, p. 33) explana:

> Os fios-de-contas são como o próprio nome diz, contas enfiadas em cordões ou fios de náilon. Convencionalmente eram enfiadas na palha-da-costa, que em etapa posterior, foi substituída pelo cordão feito de algodão e, recentemente pelo náilon. As cores e tipos de materiais que formam cada fio-de-contas variam conforme a intenção, podendo marcar hierarquia, situações especiais, uso cotidiano, além de identificar os deuses. Os materiais mais encontrados são as massas, vidros, cerâmica e por último o plástico, além da combinação de certas contas especiais como canutilhos em coral, seguis e firmas africanas que servem como arremates dos fios. [...]. Destacam-se ainda o rungeve, feito de miçangas marrons, corais e seguis, como também os deleguns [...] (Lody, 2001, p. 33).

Compreende-se no enunciado dos autores que o fio de contas, como símbolo sagrado, além de comportar uma estrutura própria participa de um sistema informacional em que cada signo tem função, finalidade e representação em relação ao sagrado. Algumas

casas de *àṣẹ* não os concebem com cordões de náilon, usando somente fios puros de algodão (cordone) encerados.

No Candomblé, o recebimento de um fio de contas se dá pelas mãos de um/uma líder sacerdotal, que o coloca no pescoço do/a iniciado/a após a consulta ao oráculo, na confirmação do seu *Òrìṣà,* tornando-se um momento ímpar nessa vinculação.

A montagem dos fios-de-contas constitui momentos fundamentais e sagrados no Candomblé, revelando, nas suas cores, um detalhe importante de vinculação do indivíduo com seu *Òrìṣà,* estabelecendo uma identidade própria na sociedade do santo. "Eu fui ensinada no Candomblé que minhas contas são a representação do meu *Òrìṣà*, e a cor é importante, porque cada *Òrìṣà t*em sua cor. Ele é o meu elo com meu *Òrìṣà. O*nde eu for, ele se torna uma identidade para outras pessoas e para meu próprio santo (*Ọya*).

Diante da informação de nossa interlocutora, os fios de contas utilizados pelos sujeitos sociais, no âmbito do Candomblé, aparecem em uma relação arquetípica com os *Òrìṣàs.* Segundo Pierre Verger (2002), o ato de carregar um fio de contas em dedicação a um *Òrìṣà* se apresenta como uma das primeiras representações da ligação entre o iniciado e à divindade. Para o autor, o fato de portar tal objeto faz com que o/a iniciado/a afirme socialmente sua relação com o *Òrìṣà* do qual é partícula divina, do mesmo modo que explicita, para aqueles que comungam com a religião e, consequentemente, compreendem os seus rituais, uma certeza de que a simbologia presente no fio de conta tem uma representatividade da trajetória religiosa de integrante no Candomblé.

Confeccionados a partir de diferentes materiais, cores, formatos e com diversos simbolismos,

> [...] as contas, que para um leigo no Candomblé podem ser apenas adornos, para o iniciado na religião, elas são sacralizadas e têm determinado simbolismo desde o abianato até a senioridade, possibilitando uma identificação e uma trajetória no Candomblé (*Oṣun*).

Neste relato, percebe-se que os fios de contas no Candomblé perpassam e entrelaçam representações, tornando-se uma linguagem informacional particular nos espaços de terreiro. Dos primeiros fios recebidos, simples na sua confecção, às contas mais exuberantes, complexas e personalizadas, os artefatos sagrados, em suas informações, permitem uma leitura da raiz (nação) à qual o/a iniciado/a pertence, de seu *Òrìṣà* de cabeça,

tempo de iniciação e, consequentemente, cargos hierárquicos, entre outros dados da vivência de um sujeito no Candomblé.

Nas leituras destes fios de contas, entre os critérios que os compõem, uma enorme gama de cores e elementos da natureza relaciona-os à sua divindade pessoal, como podemos observar no diálogo com *Ọya e Ògún*:

> Sou filha de *Ọya* e as minhas contas são na cor marrom e, como sou egbom com cargo hierárquico, eu geralmente fecho com um coral ou com terracota";
> "Sou filho de *Ògún, sacerdote de Candomblé, e* minhas contas têm o tom de azul e fecho com um chumbinho de pesca.

Dito isso, apresentamos as cores de contas representativas de cada *Òrìṣà* do panteão africano e os elementos naturais que propiciam uma identificação por meio dos fios de contas: ***Èṣù:*** preta e vermelha; ***Ògún*****:** tonalidade forte de azul, mas tem qualidades que pega o verde transparente, elemento natural: chumbinho, rodelas de ferro; ***Ọdẹ/Òṣósi***: azul-turquesa; ***Ṣàngó*****:** branca e vermelha intercalada, branca e marrom intercalada ou branca rajada de vermelho ou de marrom; ***Ọya*****:** marrom, branca e vermelha e a Terracota, um mineral da natureza; **Yemọja**, azul claro, prata e branca transparente, pérolas, cristal, conchas e corais, elementos naturais; ***Oṣun***, amarelo-ouro nas suas variações, dourado transparente e o âmbar, resina fóssil elemento natural; ***Ọbà***, marrom-terra rajada de laranja e alaranjada; ***Yèwá*****,** cristal vermelho, conta vermelha riscada de amarelo, conta vermelha e intercalada com contas amarela; ***Ọsanyìn***, verde rajado de marrom; ***Lógun Ẹdẹ*****,** azul-turquesa, intercalado com amarelo-ouro; ***Ọ̀ṣùmàrè***, amarelo rajado com marrom ou verde rajada com amarelo; ***Naná Buruku*****,** branco rajado de azuis e diversos tons de roxos mais claros, roxo só pode usar cargos hierárquicos; ***Obàlúwàiyé/Ọmọlu***, branca rajada de preto, *lagdibá* e brajá de búzios; ***Ibéjì,*** contas multicoloridas variadas (menos o preto), nos tons mais claros; ***Òṣàlá***, branco leitoso; ***Òṣàgiyán*** branca intercalada com contas ou *seguis* azul. Para os dois, o colar de marfim, elemento natural (Souza, 2019).

Sacralizados e tendo denominações próprias na estrutura litúrgica do Candomblé, o uso dos fios de contas obedece a uma hierarquia constituinte das comunidades de *àṣẹ*. De acordo com a hierarquia de um terreiro, eles são assim denominados:

a) ***Yian***: (abian, **Fig. 1**), fio de uma só "perna", isto é, com uma só fiada de miçangas, cuja medida deve ir até a altura do umbigo. Quando entregues aos *abians*, primeiro patamar

na hierarquia, e aspirantes a uma iniciação no Candomblé, não tem firma fechando. “Os *abians* da minha casa, nação Angola, usam fios de conta simples, sem firma, um de *Òṣálà* branco leitoso e um de *Yemọja*, branco transparente. A sacralização dos *Yans* para *abians* é feita com a lavagem dos fios em ervas quinadas destes *Òrìṣàs* e rezas feitas pelo pai/mãe de santo” (*Òṣàlùfàn)*.

Após uma iniciação, o *Yan* leva uma firma fechando, como podemos observar na figura 02, nos *Yans* amarelos de *Oṣun e azul de Ògún.*

Figura 1 - *Yan* (abian)



Figura 2 - *Yans* variados



Fonte: Souza (2019, p. 180).

b) ***Delogum (****Ìyàwó****, fig. 3):*** fio consagrado a um/a *Ìyàwó,* composto de dezesseis fios de miçangas e preso em um único fecho com uma firma simples. As cores das miçangas e da firma que o fecha correspondem ao *Òrìṣà* de cabeça do iniciado, e a medida tem o mesmo padrão dos *yans*. Este fio de conta é o que há de mais importante numa iniciação, “ninguém pode se iniciar sem os seus delogums” (*Ọya)*.

Na nação Angola, “para além do *delogum* de seu *Òrìṣà*, e os fios do abianato o iniciado trará o fio de conta da mãe ou pai de santo que o (a) raspou” (*Òṣàlùfàn*).

> Sua sacralização acontece nos ritos de iniciação onde todos os fios de contas que será usado pelo *Ìyàwó* serão banhados em sangue sacrificial e, ele deverá usar até a obrigação de sete anos. Um detalhe significativo é que somente o *Babalorixá/Iyalorixá* ou um cargo hierárquico pode fechar os fios de contas (*Oṣun).*

“Após a obrigação de sete anos pagas o delogum pode ser desmanchado para fazer um *xumbetá”, (Ògún). O xumbetá (Fig. 5) pode* ser confeccionado em 6, 7, 12, 14, 16 ou 21

fios múltiplos, agrupados em gomos por firmas. “Sua sacralização se dá com sangue sacrificial na obrigação de sete anos” (*Ọṣun).*

Figura 3 - *Delogum*



Figura 5 - *Xumbetá*



Fonte: Souza (2019, p. 191).

e) ***Hunjegbê*/Runjeve** (egboms, **Fig. 6**) é o fio de contas que representa a senioridade no Candomblé (*Egboms). “Feito com* miçangas na cor terracota, corais azuis e corais, sua confecção possui quantidade certa de miçangas, corais e *seguis* relativo a quem o receberá e sua sacralização é feita somente pelos líderes sacerdotais dentro do *hundeme/roncó* [1] e são consideradas segredo” (*Ọṣun*). “Uma conta da vida e da morte, este fio é entregue nas obrigações de sete anos, e, é o único fio que o *egbom* leva no caixão por ocasião do seu falecimento”. (*Òṣàlùfàn*).

“Caso o *Hunjegbê* arrebente, isso pode ser considerado como uma negatividade e apenas os pais/mães de santo podem refazer o fio e prepará-lo para ser usado novamente” (*Ọṣun*). Na nação Angola, “as contas obrigatórias dos *egboms* para ambos os sexos é o *hunjéve*, sendo que as *Èkéjìs* e Ogans com obrigações feitas carregam um *brajá*, um *hunjéve*, um fio de conta do *òrìṣà* da casa e do *òrìṣà* que ela serve” (*Òṣàlùfàn*) .

f) **Brajás** (*Bàbálorisás, Ìyálórìsàs* e cargos hierárquicos, **Fig. 7)**: colares formados por duas fileiras de búzios entrelaçadas de modo a formar um aspecto de escamas de cobra. Podem ser usados a tiracolo e cruzando o peito e as costas. “Representa a infinitude” (Jagun, 2017, p. 268). “O Brajá é a simbologia da inter-relação do direito e esquerdo, masculino e feminino, passado e presente, e só podem ser usados por *Bàbálorisás* e *Ìyálórìsà*, cargos

[1] Quarto de santo.

hierárquicos" (*Òṣàlùfàn*). O brajá também representa a riqueza uma vez que, antigamente os búzios eram usados como moedas. Ligados a terra, à ancestralidade e aos mistérios dos búzios, eles são consagrados aos filhos de *Òrìṣàlá*, *Naná, Ọmọlu, Òṣùmàrè e Ìrókò*. "Sua sacralização é feita em segredo pelo pai/mãe de santo" (*Òṣàlùfàn*)".

Figura 06 - *Hunjegbê*

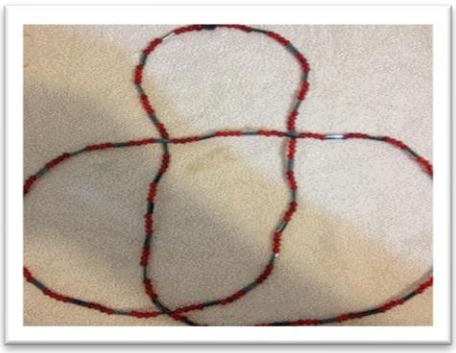


Figura 07 - *Brajá*



Fonte: Souza (2019, p. 191).

g) ***Lagdibá*** (cargos hierárquicos, **fig. 8**) é feito de chifre de búfalo cortado em rodelinhas formando pequenos discos. Normalmente é de cor preta (Fig. 8), mas também se encontra na cor branca (fig. 9). Fio de contas que pertencem a, *Naná, Ọmọlu,* Obàlúwàiyé, *Òṣùmàrè*, e *Ọya*. "O *Lagdibá* é usado somente após o filho de santo adquirir um cargo hierárquico. A confecção e sacralização desses fios exigem toda uma cerimônia que não é aberta aos filhos" (*Ọya*).

Figura 08 - Lagdibá Branco



Figura 9 - Lagdibá Preto



Fonte: Souza (2019, p. 191).

h) Chicote (cargo hierárquico, **Fig. 10 e 11**): Fio de contas confeccionadas na forma de um trançado especial em forma de chicote, a cor obedece à cor do *Òrìṣà* para o qual será construído. Para além do fecho em uma firma africana, como vemos na fig. 11, os chicotes também são fechados por miniaturas dos símbolos do *Òrìṣà* ao qual foi consagrado. Na fig. 12 vemos o chicote consagrado a *Ọya* com os seus símbolos, o chifre de boi, o raio, a espada e o *èrùèṣin*[2] elementos que a identificam. "Este fio é muito importante no culto e somente pessoas com mais de sete anos e cargos hierárquicos podem usar. É consagrado em ritual apropriado, sendo segredo na religiosidade" (*Ògún*).

Figura 10 - Chicote de *Ògún*



Figura 11 - Chicote de *Ọya*



Fonte: acervo da pesquisadora.

A respeito dos fios de contas, é importante salientarmos que *egboms* ganham a liberdade de criar seus próprios fios, seja no tamanho das contas, na riqueza dos detalhes e até mesmo nos materiais utilizados (ouro, prata, firmas africanas, dentre outros). Ao egbom é permitido carregar os fios de contas dos *Òrìṣàs* que já tem assentados.

O rompimento do fio-de-contas, mais do que indicar um mau presságio, que assusta e preocupa o indivíduo e a comunidade, pode ser o início de um novo ciclo, um recomeço, um momento de viragem que pede um novo fio, para isto sempre é feito uma consulta ao jogo de búzios.

[2] Símbolo feito de crina — geralmente de búfalo, animal associado ao poder da Òrìṣà — ele se assemelha a um abanador sagrado.

Na atualidade, os fios de contas ganham novos espaços, é possível observar a sua utilização em lugares inusitados, como automóveis, casas, estabelecimentos comerciais, mas já destituídos das funções e sentidos primordiais, usados apenas como amuletos para proteger os espaços e as pessoas contra as energias negativas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No estudo em tela, conta por conta, enfiadas em fio de algodão ou de náilon na confecção dos *ílèkẹ̀s*/colares sagrados/fios de contas tecem infomemórias, tradições, ritos e identidades vinculados ao espaço e contexto social do Candomblé.

O praticante dessa religiosidade, seja em qualquer nação, assimila e compreende, por intermédio do uso dos fios de contas, o ser e o estar no Candomblé. Constata-se que os fios de contas, de maneira similar, representam os *Òrìṣàs* do iniciado nas cores de suas miçangas, revelando um processo informacional de uma matéria divinizada na religiosidade.

A partir dos ritos de iniciação, os fios de contas vão ganhando novas informações que permitem entre os sujeitos e a sociedade do santo, e também entre a sociedade do santo e seus sujeitos, uma leitura, por meio de simbologias próprias, de obrigações pagas, pertencimento na hierarquia religiosa que revelam uma identidade própria.

A identidade nesse contexto está fortemente ligada à significação dos fios de contas, que se constrói sobre a base do reconhecimento de uma origem em comum, de uma ancestralidade, que apresenta características próprias, como as cores das miçangas e seus múltiplos significados, compartilhados por um sistema em que cada símbolo tem função e representação vinculada a um espaço e contexto social, o qual a sociedade do santo considera sagrado.

Conclui-se que os fios de contas são os únicos símbolos sagrados que acompanham os sujeitos sociais desde a sua inserção ao Candomblé até a sua morte, marcando a dinâmica de ligação entre o humano e o divino, entre a vida e a morte.

Espera-se que a temática versada neste artigo ganhe novos horizontes no meio acadêmico, abordando outros aspectos como: a) as simbologias presentes nos artefatos culturais dos *Òrìṣàs*; b) as simbologias dos mitos na linguagem musical de um terreiro de Candomblé.

REFERÊNCIAS

BORNHEIM, Gerd A. O conceito de tradição. *In*: NOVAES, Adauto (org.). **Cultura brasileira**: tradição/contradição. Rio de Janeiro: Zahar, 1987. p. 15-29.

BRIET, Suzanne. **O que é a documentação?** Tradução de Maria de Nazareth Rocha Furtado. Brasília, DF: Briquet de Lemos/Livros, 2016. *E-book*. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5389052/mod_resource/content/1/O_que_%C3%A9_a_documenta%C3%A7%C3%A3o_Parapublicar.pdf. Acesso em: 26 out. 2026.

BUFREM, Leilah Santiago; ALVES, Edvaldo Carvalho. **A dinâmica da pesquisa em Ciência da Informação**. João Pessoa: Editora UFPB, 2020.

FRIGERIO, Alejandro. El estudio de la religión desde la perspectiva de los movimientos sociales: sus aportes al análisis de la construcción de identidades religiosas. *In*: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 26., 2002, Caxambu. **Anais** [...]. Caxambu: ANPOCS, 2002. Disponível em: http://anpocs.com/. Acesso em: 26 out. 2026.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

HALBWACHS, Maurice. **Los marcos sociales de la memoria**. Barcelona: Anthropos; Concepción: Universidad de la Concepción; Caracas: Universidad Central de Venezuela, 2004.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

HALL, Stuart. Introducción: ¿quién necesita "identidad"? *In*: HALL, Stuart; DU GAY, Paul (comp.). **Cuestiones de identidad cultural**. Buenos Aires: Amorrortu, 2003. p. 13-39.

JAGUN, Márcio de. **Yorubá**: vocabulário temático de candomblé. 1. ed. Rio de Janeiro: Litteris Editora, 2017.

LEMOS, Guilherme Augusto Rezende. Fios de tempo. **Hispanista**, [S. l.], n. 22, 2005. Disponível em: http://www.hispanista.com.br/revista/FIOS%20DE%20TEMPO.pdf. Acesso em: 26 out. 2026.

LODY, Raul. **Jóias de axé**: fios-de-contas e outros adornos do corpo: a joalheria afro-brasileira. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

MARTELETO, Regina Maria. Educação e informação: a distribuição da informação na sociedade. **Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, 1986.

MESLIN, Michel. **Fundamentos de antropologia religiosa**: a experiência humana do divino. Tradução de Orlando dos Reis. Petrópolis: Vozes, 2014.

NASCIMENTO, Geysa Flávia Câmara de Lima; AZEVEDO NETTO, Carlos Xavier de. Concepção infomemorial no campo da ciência da informação: aspectos teóricos e epistemológicos. *In*:

ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 17., 2016, Salvador. **Anais** [...]. Salvador: UFBA, 2016.

OXALÁ, Pai Paulo de. **A importância dos fios de contas**. 2014. Disponível em: https://extra.globo.com/noticias/religiao-e-fe/pai-paulo-de-oxala/a-importancia-das-guias-dos-fios-de-contas-13837673.html. Acesso em: jan. 2025.

PACHECO, Leila Maria Serafim. Informação enquanto artefato. **Informare**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 20-24, jan./jun. 1995.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SILVA, Antônio Ozaí da. Anotações sobre a modernidade na obra de Anthony Giddens. **Espaço Acadêmico**, Maringá, n. 47, p. 1-7, 2005. Disponível em: https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/58859. Acesso em: 26 out. 2026.

SOUZA, Luciano Lima. **Os colares sagrados da memória**: tradição, axé e identidade no candomblé de matriz africana iorubá. 2019. Tese (Doutorado em Memória: Linguagem e Sociedade) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2019. Disponível em: https://www2.uesb.br/ppg/ppgmls/wp-content/uploads/2020/03/TESE-DE-LUCIANO-LIMA-SOUZA.pdf. Acesso: 26 out. 2026.

VERGER, Pierre Fatumbi. **Orixás**: deuses iorubás na África e no Novo Mundo. Tradução de Maria Aparecida da Nóbrega. 6. ed. Salvador: Corrupio, 2002.

WERSIG, Gernot; NEVELING, Ulrich. The phenomena of interest to information science. **The Information Scientist**, London, v. 9, n. 4, p. 127-140, 1975.